

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
CURSO BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Beatriz Encarnação

Pena:

Entre o real e o fictício

Juiz de Fora

2021

BEATRIZ PEREIRA DA ENCARNÇÃO

PENA

Entre o real e o fictício

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Juiz de Fora, como requisito para
obtenção do título de Bacharel
em Cinema e Audiovisual.

Orientação: Profa. Dra. Alessandra
Souza Melett Brum

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pereira da Encarnação, Beatriz.

 Pena : Entre o real e o fictício / Beatriz Pereira da Encarnação. – Juiz de Fora, 2021.

 47 p.

 Orientadora: Alessandra Souza Melett Brum

 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2021.

 1. roteiro. 2. flashback. 3. infância. 4. memórias. 5. universitário. I. Souza Melett Brum, Alessandra, orient.

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Aos 14 dias do mês de setembro do ano de 2021, às 14 horas, por *webconferência*, conforme Resolução nº 10/2020-CONSU/UFJF (que suspende as atividades acadêmicas presenciais na universidade) e Resolução 24/2020-CONSU/UFJF (que autoriza, em caráter excepcional, a realização de orientações e apresentações finais de Trabalhos de Conclusão de Curso de forma remota), ocorreu a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito da disciplina ART314 - TCC, apresentada pela aluna Beatriz Pereira da Encarnação, matrícula 201566208B, tendo como título *Pena: entre o real e o fictício*.

Constituíram a Banca Examinadora os Professores (as):

Alessandra Souza Melett Brum, orientadora, (Doutora, UFJF)

Marília Xavier de Lima, examinadora, (Doutora, UAM) Sérgio José

Puccini Soares, examinador, (Doutor, UFJF)

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, definiu-se que o trabalho foi considerado (X) APROVADO com nota 100,0 () REPROVADO.

Eu, Alessandra Souza Melett Brum, Presidente da Banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora, comprometendo-me a informar a nota do aluno no SIGA UFJF o mais breve possível.

Documento assinado digitalmente



Alessandra Souza Melett Brum
Data: 14/09/2021 15:40:55-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

PROFESSORA ALESSANDRA SOUZA MELETT BRUM – ORIENTADORA

Documento assinado digitalmente



Alessandra Souza Melett Brum
Data: 14/09/2021 15:41:34-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

PROFESSORA MARILIA XAVIER DE LIMA – EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



Alessandra Souza Melett Brum
Data: 14/09/2021 15:42:05-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

PROFESSOR SÉRGIO JOSÉ PUCCINI SOARES - EXAMINADOR

* Todos os membros da banca e o discente participaram remotamente da sessão e a acompanharam na sua integralidade.

** Os membros da banca deram anuência para que o Presidente da banca assinasse por eles.

Para meu gato, Zezé

AGRADECIMENTOS

Eu dificilmente teria chegado até aqui sozinha, e sou grata a todos que me apoiaram e não me deixaram desistir, conscientemente ou não.

Agradeço aos meus familiares, que me deram todo o suporte quando escolhi um curso que eles não entendiam e que os assustava. À minha mãe, por ter sempre acreditado em mim. Ao meu pai, por todos conselhos e broncas que me fizeram amadurecer tanto. Aos meus irmãos, pela parceria eterna. À minha madrasta, por ser uma “boadrasta” e ter me emprestado sua história.

Ao Kern, meu namorado, com quem tive o privilégio de dividir essa caminhada. Obrigada pela companhia por todos esses anos, pelas colaborações como colegas de curso e por tudo vivido fora da sala de aula. Impossível mensurar o quão importante você é para mim. Te amo.

Aos amigos que tive a sorte de encontrar nesse curso, agradeço por tantas risadas compartilhadas e por serem meu lar longe de casa. Amo vocês como equipe, como amigos, como família. Nossa parceria não acaba aqui.

Ao meu gato, Zezé, que deitou todos os dias na minha mesa enquanto escrevia esse trabalho de conclusão e me fez companhia.

À minha orientadora Alessandra, que teve paciência para me acompanhar nesse processo e entender minhas limitações. A minha admiração pela pessoa (pelos seus colares sempre lindos) e pela profissional que você é só aumenta, e não poderia estar mais feliz por ter a escolhido para me auxiliar nessa jornada final no curso.

A Profa. Marília que considero uma profissional e amiga de muita confiança, e ao Prof. Sérgio Puccini que é uma inspiração quando o assunto é roteiro, agradeço por terem aceitado fazer parte da minha banca de defesa de TCC.

Ao curso de Cinema e Audiovisual, aos meus professores, aos servidores, aos colegas de turma, ao estúdio Almeida Fleming, a sala de cinema Germano Alves, a sala de edição. Eu entrei nesse curso achando que sabia o que queria, mas encontrei muito mais. Nem todos podem se divertir e aprender tanto ao mesmo tempo como pude em diversas matérias e trabalhos. Sou extremamente grata por ter tido uma estrutura tão boa e bem cuidada para experimentar em todas as áreas e aprender a respeitar cada um dos colegas de profissão em seu ofício. Sempre sentirei saudades de conversar com os professores antes das aulas começarem, saudades de dividir um café com o Edu na sala de edição, e saudades de me divertir muito com minha equipe no estúdio.

Muito obrigada.

“Anything, but fat and flour “

Perfect Sense (David Mackenzie, 2011)

RESUMO

O roteiro de curta-metragem “Pena” foi concebido a partir de memórias e experiências pessoais da autora e de seus familiares. Apesar de ser baseado em fatos reais, a história foi alterada para resguardar a privacidade dos que a vivenciaram, e as mudanças necessárias para tal foram aproveitadas para potencializar o plot do roteiro através de flashbacks e utilização de animação.

PALAVRAS-CHAVES: roteiro; narrativa; flashback; animação, cinema; cinema universitário.

ABSTRACT

The short film script “Pena” was conceived based on the author's personal memories and experiences of her family. Despite being based on real facts, the story was changed to protect the privacy of those who experienced it, and the necessary changes for this were used to enhance the script plot through flashbacks and the use of animation.

KEY-WORDS: script; narrative, flashback, animation, cinema, academic film.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ROTEIRO	11
	2.1 História Original	31
	2.2 Adaptação	33
3	PERSONAGENS	35
	3.1 Mãe	39
4	FLASHBACK	40
5	ANIMAÇÃO	44
6	A HISTÓRIA DO OUTRO	45
7	CONCLUSÃO	46
8	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Diversas vezes vivenciei momentos simples em que pensei, às vezes até jocosamente, “isso daria um ótimo filme”. Pequenos pedaços da vida as vezes podem ser traduzidos com certa grandiosidade para a tela. A simplicidade dos momentos cotidianos, se contados com cuidado, podem gerar toda sorte de sentimentos e reflexões. “Essa arte da narração pode, por si só, dar interesse a uma história sem surpresa” (CHION, 1989, pag 88) e foi isso que tentei alcançar quando decidi criar esse roteiro: surpreender com pouco.

Fui a primeira espectadora de “Pena”, de certa forma. Distante e de penetra na situação, assisti minha madrasta permitir que outra família entrasse na casa em que ela cresceu.

A sensação parecia errada, como se estivesse espiando um momento íntimo pela fechadura da porta. Mas ao mesmo tempo era magnético, era muito humano. Não houve drama, choro exagerado ou relatos saudosistas do passado. Houve silêncio, e isso ficou bem gravado na memória.

Enquanto vivia esses acontecimentos já sentia que eles poderiam ser traduzidos para o cinema de uma forma muito bonita, então fui tentando guardar o máximo de detalhes para poder escrever sobre eles. Eu queria ser honesta com a história da minha madrasta, o que gerou, no momento de escrever, muitos sentimentos ambíguos em relação ao rumo que eu gostaria de dar para essa história e para os personagens, reais e fictícios.

O roteiro tenta acompanhar os mesmos passos que foram dados naquela casa vazia naquele dia - até a casa foi replicada na narrativa involuntariamente. Mas apenas contar sobre a visita deixaria a história rasa, simples (não que eu não estivesse buscando simplicidade também). Se já havia assistido a história se construindo no presente, então o trabalho a ser realizado como roteirista seria dar profundidade para o passado daquela casa e daquela família.

Nesse memorial contarei um pouco desse processo de criação, de lidar com o íntimo de pessoas próximas, e de ter desapego por um roteiro que eu já considerava pronto pelos rumos da própria vida.

2 ROTEIRO

PENA

(WORKING TITLE)

BEATRIZ ENCARNAÇÃO

CENA 1**CARRO - INTERNA - DIA**

ALICE, 35 ANOS, e PEDRO, 33 ANOS, param o carro em frente a casa para esperar o portão abrir. O portão tem dificuldade em passar por cima das folhas e ferrugem no trilho. Alice, no volante do carro, bate o controle da garagem.

ALICE

Essa merda nunca funciona.

O portão começa a fechar de novo

ALICE

(nervosa)

Nãaaaaao! É pra abrir caramba.

Alice entrega o controle para Pedro.

PEDRO

Calma Alice, vai acabar quebrando o controle amor.

Pedro aperta o botão uma única vez e o portão abre normalmente.

PEDRO

(sorrindo)

Viu? É só apertar com jeitinho.

Com o carro ainda parado, Alice observa a fachada renovada da casa.

ALICE

Eu não sabia que a casa era bege agora.

Vai ficar suja quando chover.

PEDRO

O corretor achou que nesse tom mais claro
fosse vender mais rápido.

ALICE

Hmmm... eu só... nunca tinha imaginado essa cor.

Ela sempre foi tão rosa.

PEDRO

Você disse que não se importava.

ALICE

Não me importo.

Alice entra com o carro na garagem e o portão se fecha atrás deles.

CENA 2

GARAGEM - INTERNA - DIA

Alice e Pedro sobem as escadas da que sai da garagem. Alice para em frente a porta dos fundos e procura a chave no chaveiro.

PEDRO

Você sabe que horas eles chegam?

ALICE

Acho que daqui a pouco.

PEDRO

Mas eles vão colocar o equipamento na cozinha?

ALICE

Não sei, acho que pode ser né?

Ia demorar muito pra subir com tudo pro terraço.

PEDRO

Verdade.

CENA 3

COZINHA - INTERNA - DIA

Alice destranca a porta e entra na cozinha empoeirada. Ela segura a barra do vestido para não arrastar no chão sujo. Em segundo plano, Pedro reclama do cheiro de casa fechada e abre a janela da cozinha. Alice permanece em silêncio enquanto observa as mudanças da casa.

CENA 4

COZINHA - INTERNA - DIA

FLASHBACK 1 - ANIMAÇÃO

No mesmo cômodo, agora mobiliado com móveis e eletrodomésticos dos anos 90 e com azulejos diferentes, Alice com aproximadamente 5 anos está desenhando embaixo da mesa. Há giz de cera e folhas de sulfite espalhados ao seu redor.

No fogão, a mãe de avental e colher de pau na mão cozinha assobiando. Em uma gaiola no canto do cômodo um papagaio dança e grita acompanhando a mulher.

CENA 5

COZINHA - INTERNA - DIA

Pedro aparece por trás de Alice e segura sua mão, desfazendo o punho que ela havia fechado e acariciando as marcas de unha. Ele apoia a cabeça no ombro dela.

PEDRO

Você tá bem?

ALICE

Tô sim.

Alice se afasta. Pedro a segue pela cozinha.

PEDRO

Quer ver como ficou lá em cima?

Eles mudaram bastante coisa.

ALICE

Acho melhor não.

Uma buzina toca do lado de fora da casa.

ALICE

Devem ser eles.

Ela caminha até a porta da frente procurando a chave certa.

CENA 6**ENTRADA - EXTERNA - DIA**

Alice sai pela porta com o controle do portão em mãos. Ela aperta uma vez e ele abre sem emperrar. Na fresta que abre, MANUEL, um senhor de cerca de 40 anos que comprara a casa, coloca a cabeça pra dentro da casa e acena para Alice.

MANUEL

Ô dona Alice, 'brigado por ter deixado eu largar essas bagunças aqui. O corretor tá enrolando pra me entregar a chave..

ALICE

Sem problemas Manuel

Ela desce as escadas e cumprimenta Manuel com um aperto de mão.

ALICE

Vocês querem deixar aqui na cozinha ou vão subir com tudo?
Alice aponta para o último andar da casa.

MANUEL

A gente pode deixar aqui embaixo mesmo né filho?
Alice olha para a camionete que está estacionada um pouco para frente, com equipamentos de academia na caçamba. Do lado do passageiro sai um GAROTO ADOLESCENTE. Ele faz um sinal de concordância para o pai.

MANUEL

Assim a gente não atrasa o almoço da senhora.

Alice ri educadamente.

ALICE

Fica a vontade Manuel, afinal agora casa é sua.

MANUEL

Logo logo dona Alice, logo logo!

Alice sobe novamente os degraus e se senta em um banco que fica na entrada da casa. Do lado de fora Manuel e o filho abrem a caçamba da camionete e retiram as peças menores.

Alice escuta Pedro descer as escadas apressadamente. Ele sai pela porta já indo em direção ao carro.

PEDRO

Ô seu Manuel! Não vai carregar tudo sozinho
senão vai travar as costas rapaz!

Alice vê Pedro cumprimentar Manuel e seu filho, e ir até a camionete. Ela escuta Pedro falar com alguém lá fora. Uma voz infantil responde. A porta do carro se abre e segundos depois uma GAROTINHA de cerca de 7 anos entra correndo pelo portão carregando uma boneca nos braços.

PEDRO

(falando alto)

É só subir as escadas!

MANUEL

(gritando)

E não sobe correndo Fernanda!

A garota sobe os degraus da entrada pulando e passa por Alice sorrindo para ela.

CENA 7

ENTRADA - EXTERNA -DIA

FLASHBACK 2 - ANIMAÇÃO MESCLADA COM LIVE ACTION

Alice, com cerca de 10 anos, usando uniforme escolar e carregando uma mochila de rodinha, entra pelo portão lateral. Ela sobe correndo os degraus da entrada e a mochila sobe batendo atrás dela, fazendo um alto som metálico.

CENA 8

ENTRADA - EXTERNA - DIA

PEDRO

Ela pediu pra ver o quarto dela.

ALICE

Tudo bem.

PEDRO

(se dirigindo a Manuel)

Ela já veio aqui?

MANUEL

Não, só viu por foto.

PEDRO

Acho que ela vai gostar, tá bem bonito lá em cima.

Colocaram até um lustre.

MANUEL

(sorrindo)

Iih, agora que ela vai achar que é uma princesa mesmo.

Escuta-se o som dos passos no andar de cima. A janela da frente da casa se abre. O topo da cabeça de Fernanda aparece. Ela começa a pular e acenar para ser vista.

FERNANDA

Olha pai! Tô no meu quarto.

CENA 9

QUARTO - INTERNA - DIA

FLASHBACK 3 - LIVE ACTION MESCLADO COM ANIMAÇÃO

Alice, com 15 anos, está deitada na cama, com um livro deitado no seu colo. Na porta, a mãe fala alguma coisa. Alice sorri e assente, coloca o livro na mesinha de cabeceira e se aconchega na cama. A mãe apaga a luz e fecha a porta.

CENA 10**ENTRADA - INTERNA - DIA**

Um som metálico alto assusta Alice. Ela escuta os homens lá fora discutindo como levar a parte maior do equipamento de academia.

PEDRO

Mas você acha que vai passar ali pelo corredor?

MANUEL

Não sei se a gente consegue virar.

PEDRO

Será que vai precisar içar isso?

MANUEL

(desapontado)

Não acredito.

Alice levanta e vai até o portão.

ALICE

Amor, você acha que cabe no galpão da garagem?

PEDRO

(animado)

Sim! O galpão! Claro que vai caber lá. É só descer a rampa aqui

Manuel e a gente resolve rapidinho.

MANUEL

Ainda bem, achei que a gente fosse perder a viagem.

ALICE

Vou lá abrir.

Os homens começam a levantar o equipamento e tirar ele da camionete.

Alice desce a rampa procurando a chave do cadeado.

Alice chega na porta do depósito e vê a tinta seca nas dobradiças.

Ela abre o cadeado e gira a maçaneta com força. A porta não abre.

ALICE

(gritando)

Pedro! A porta tá emperrada!

Pedro

(gritando)

Já vou amor!

Alice continua forçando a porta e com um impulso do ombro ela abre.

Ela grita enquanto a porta a arrasta para dentro do cômodo.

CENA 11

GALPÃO - INTERNA - DIA

No canto do galpão vazio, no chão, Alice vê a gaiola do papagaio da mãe. Ela sente um cheiro estranho e franze o nariz. Ao se aproximar ela vê o corpo sem vida do papagaio no chão.

Pedro chega no galpão atrás de Alice e vê a gaiola.

PEDRO

(desesperado)

Droga droga droga! Eu não acredito que eu fiz isso.

ALICE

(calma)

O que aconteceu?

PEDRO

Ai Lince, a Isabel do fim da rua que tava cuidando dele, mas ela foi pro hospital na quinta. Eu esqueci totalmente, me desculpa. Alice se agacha e abre a gaiola. Com uma das chaves que está na mão ela cutuca o pássaro. Ele rola nas próprias costas e fica de bruços.

ALICE

Ele tava aqui esse tempo todo?

PEDRO

Nãaaao, só essas semanas que estavam chovendo muito. Embaixo do corpo ela encontra uma pena e a puxa, levantando contra a luz.

CENA 12

COZINHA - INTERNA - DIA

CONTINUAÇÃO FLASHBACK 1 - LIVE ACTION

O papagaio balança as asas, uma pena caindo.

Alice engatinha até sair debaixo da mesa, carregando um desenho nas mãos.

ALICE

Mãe!

MÃE

Agora não Alice, tô ocupada.

Alice senta de novo e mexe no giz de cera ao seu redor.

MÃE

Aqui bebê.

Alice olha pra cima e vê a mãe se aproximar da gaiola do papagaio com uma cenoura na mão. O papagaio bate as asas gritando quando recebe o pedaço de cenoura e um carinho no bico.

A mãe manda um beijo pro animal e se vira para Alice.

MÃE

Alice, põe a mesa do almoço.

Alice levanta de cabeça baixa.

ALICE

Tá bom mamãe.

MÃE

E não inventa de pegar a toalha branca de novo porque eu sei que

você vai manchar.

ALICE

Tá bom mamãe.

CENA 13**COZINHA - INTERNA - DIA****CONTINUAÇÃO FLASHBACK 2 - LIVE ACTION**

Alice entra na cozinha arrastando a mochila, respirando ofegante por ter subido as escadas correndo. Ela encontra a mãe passando roupa e o papagaio atrás dela se agita ao ver Alice.

PAPAGAIO

(gritando)

ALICE! ALICE!

Alice de cabeça baixa passa pelo canto da cozinha.

ALICE

Oi mãe

MÃE

Que barulheira foi essa na escada? Se quebrar mais uma mochila
você vai ter que carregar os livros na mão.

ALICE

Desculpa mãe, é que eu queria assistir a sessão da tarde.

A mãe continua passando roupa sem levantar os olhos para a filha.

MÃE

Você pode assistir seu filminho depois que arrumar aquela zona
que você chama de quarto.

ALICE

Mas mãe...

MÃE

Eu não quero ver você aqui embaixo até aquele quarto estiver
brilhando Alice.

Alice saiu da cozinha em silêncio.

MÃE

(gritando)

E levanta essa mochila pra subir essa escada!

CENA 14

QUARTO - INTERNA - NOITE

CONTINUAÇÃO FLASHBACK 3 - LIVE ACTION

Alice está deitada na cama lendo o último livro Harry Potter.

No andar de baixo se escuta barulho de panelas e a mãe murmurando algo para o papagaio.

PAPAGAIO

(gritando)

Alice! Alice!

Alice tira os olhos do livro e observa a porta do quarto enquanto escuta a mãe subir as escadas. Ela abre a porta e encara Alice por um segundo.

MÃE

Quem te deu dinheiro pra comprar essa porcaria? Seu pai não ia gostar dessas coisas.

Alice abaixa o rosto enquanto lacrimeja.

ALICE

O papai leu comigo o primeiro. Esse é o último, só queria
terminar a história.

MÃE

É, seu pai não sabia o que tava fazendo. Se ele ainda estivesse
aqui a gente teria uma conversa sobre isso.

Alice não responde.

MÃE

Chega disso por hoje, vai dormir que não quero você enrolando pra
acordar amanhã.

Alice sorri concordando, coloca o livro na cabeceira e se deita.

A mãe apaga a luz e fecha a porta. Alice entra debaixo do
cobertor e chora baixinho.

CENA 15

GALPÃO - INTERNA - DIA

Alice se levanta com a pena na mão e anda até Pedro, que coloca a
mão na sua cintura.

PEDRO

Me desculpa mesmo amor.

Pedro acaricia o braço de Alice.

ALICE

Tudo bem.

PEDRO

Você ficou triste?

Alice respira fundo rodando a pena entre os dedos.

ALICE

Se a gente tivesse levado ele pra casa a Lili teria arranjado um
jeito de abrir a gaiola pra comer ele.

Pedro balança a cabeça concordando.

PEDRO

E o que a gente faz agora? Enterra?

Alice se vira para Pedro e o abraça, escondendo o rosto no ombro
dele. Ela fala com a voz abafada.

ALICE

É muito ruim eu não me importar?

PEDRO

Não amor, eu entendo. Quer que eu resolva isso?

ALICE

Por favor.

Pedro anda até a gaiola e a pega pela argolinha. A gaiola range, a
portinha aberta se movendo junto com o corpo inerte do pássaro.
Pedro sai pela porta e ela o segue, com a pena verde ainda na mão.

CENA 17**ENTRADA - EXTERNA - DIA**

Manuel está esperando do lado de fora de casa, encostado no carro conversando com seu filho. Fernanda caminha pelo jardim da frente da casa mexendo nas plantas e falando sozinha, a boneca largada na grama.

MANUEL

Tudo certo lá dona Alice?

ALICE

Certinho Manuel. Já tá aberto, pode dar uma olhada se quiser.

PEDRO

É, pode ir olhar lá, eu já volto.

Pedro caminha para o fundo da casa carregando a gaiola.

Alice se senta no degrau da entrada. Observa a pena em suas mãos uma última vez. Com um suspiro ela a enterra no gramado

CENA 18**CARRO - INTERNA - DIA**

Alice entra no carro e fecha a porta, dessa vez sentada no banco do passageiro. Ela abre o porta luvas e guarda as chaves da casa. Pedro olha para ela e coloca a mão no seu joelho, acariciando com o dedão.

PEDRO

Tudo certo? Podemos ir?

ALICE

Sim, eu tô morrendo de fome

Pedro ri e dá a partida no carro, subindo a rampa da garagem pelo portão que já estava aberto.

PEDRO

O que você quer almoçar?

ALICE

Não sei. O que você quer almoçar?

Os dois riem com a familiaridade da situação.

PEDRO

(fazendo aspás no ar)

E se a gente almoçasse sobremesa

ao invés de "comida comida"?

PEDRO

A gente pode pegar aquele bolo de cocada, aquele que a gente até

passa mal, sabe?

ALICE

(rindo)

Perfeito.

Pedro acelera e o carro sai pelo portão. Alice aperta o botão do controle e o portão se fecha sem travar.

2.1 HISTÓRIA ORIGINAL

O estopim do roteiro de “Pena” partiu de um domingo em que acompanhei meu pai e minha madrasta até a casa da falecida mãe dela. Eu já sabia que seria um momento sensível e emocionalmente complicado. Minha madrasta, Juliana, era muito próxima da mãe dela, Dona Célia, e foi um susto muito grande para a família seu falecimento.

Nos meses seguintes à morte de Dona Célia, Juliana e sua irmã passaram muito tempo limpando a casa e se desfazendo das coisas que a mãe guardou durante os anos. A família sempre viveu naquela casa e a Dona Célia sempre foi muito apegada às suas filhas, então guardava muitos itens que pertenciam a elas em suas mais diversas fases da vida. Nesse longo processo, várias memórias que antes pareciam esquecidas foram trazidas à tona pelos objetos mais simples.

Meses depois, com a casa vendida e esperando os últimos trâmites contratuais serem fechados para entregar a chave, a Juliana deixou o comprador guardar um aparelho de academia enorme e foi até a casa para permitir que eles entrassem com o objeto.

Quando o comprador chegou com seus filhos (um menino adolescente, e uma menina criança), eles carregaram as peças para o fundo da casa. Enquanto faziam isso, minha madrasta observava a vista do fundo da casa. Quando se virou, eu a vi secando uma lágrima disfarçadamente.

A peça maior do equipamento era grande e pesada demais para passar pelo corredor lateral, então decidiram levar para o depósito que ficava na garagem para agilizar o processo. Antes de ir embora, Juliana aproveitou para pegar a última coisa que tinha sobrado na casa, a antiga máquina de costura da mãe.

Foi no momento de nossa partida que uma grande coincidência me fez pensar e querer escrever esse roteiro. O comprador da casa chamou a filha dele para ir embora, e o nome dela era “Letícia”. A sobrinha da minha madrasta também se chama Letícia, e como era a única neta, era venerada pela avó, D.Célia. E Letícia, assim como a mãe e a tia, nasceu e viveu naquela casa por muito tempo. Essa coincidência foi bem significativa para minha madrasta, que mais tarde ainda comentou sobre o ocorrido.

Na minha visão, esse pequeno *slice of life*” já era conteúdo suficiente para um curta simples e emocionante. Mas quando comecei a planejar o roteiro senti que parecia que a simplicidade que eu tanto buscava seria uma fraqueza do meu roteiro, e que precisaria de um pouco mais de “recheio” para a história não ficar em aberto. Por exemplo, a grande coincidência que fechava a história era também o ponto fraco dela, porque uma coincidência assim no filme pareceria apenas um artifício inserido inorganicamente para dar um desfecho para a história.

Além disso, o drama parecia muito óbvio para mim porque eu conhecia essas personagens da vida real. Eu conhecia seu passado e sabia da importância daquela casa e, até mesmo, do significado que o nome da mais nova moradora possuía. Mas, nada disso ficaria tão claro na tela sem certo esforço.

2.2 ADAPTAÇÃO

Era necessário então dar para a história um final crível, e explorar aquele passado, que era o que me fazia ver tanto potencial para o roteiro. Eu não podia falar do passado sem falar da mãe, que é quem tinha maior ligação com a casa e carregava toda a bagagem emocional em relação a ela.

Nesse momento do processo eu comecei a me sentir incomodada por de certa forma “explorar” o passado e história de pessoas que eu conheço. Eu poderia avisar minha madrasta o que pretendia e talvez ela aceitasse que eu contasse sua história, me dando detalhes sobre o passado da família, mas eu ainda estava insegura para compartilhar minhas ideias por estar iniciando o processo de escrita do roteiro.

Eu precisei abandonar essa narrativa que já estava tão certa na minha cabeça, e começar a escrever uma nova a partir dela. Como o que me incomodava mais era usar as pessoas que conheço, o primeiro passo foi mudar completamente os personagens e criá-los do zero. Nesse anseio de me distanciar da realidade que eu conhecia, eu decidi transformá-los quase em opostos. E dentro dessas mudanças, o que virou meu roteiro do avesso foi repensar a figura da mãe.

A princípio, mesmo sabendo que queria fazer algumas alterações, eu queria que a história seguisse no mesmo tom de “nostalgia” e “saudade”, sem perder de vista um conteúdo mais leve. Quando eu mudei as características da mãe, a história pareceu se inclinar sozinha para um drama mais pesado. Nenhuma dessas versões parecia ruim, mas encontrar o equilíbrio entre elas foi o que me fez acreditar novamente no potencial do roteiro, e me animar para voltar a escrevê-lo.

A maneira que encontrei então de trazer esses dois lados da história foi enganar o (futuro) espectador. Eu conseguiria manter a maior parte da narrativa que eu já tinha pronta se eu fizesse eles acreditarem que as lembranças eram boas. Para isso, dois fatores foram necessários: controlar as informações dadas pelas memórias do passado (os flashbacks), e manter os pensamentos de Alice para ela mesma.

A própria premissa do roteiro, de se voltar a casa da família e ter que se despedir dela, já trabalha a meu favor nessa tentativa de enganar o público. Boa parte das pessoas

vê a infância por “óculos cor de rosa”, romantizando até as coisas “ruins” de seu passado, rindo de um joelho ralado ou de uma vez que apanhou dos pais.

Não mostrando as cenas de flashback completas e me valendo desse senso comum, eu consigo desenvolver até um plot falso, que seria a morte do papagaio. Se eu consigo convencer o público que as memórias são boas, o papagaio que é sempre visto ao lado da mãe vira uma extensão dela. E naquele momento Alice poderia estar ali lidando com seu luto e se despedindo da mãe de uma vez por todas.

E só a partir desse momento em que levei a mentira ao seu máximo é que o verdadeiro plot é revelado. Alice não está agindo melancolicamente porque está com saudades, mas porque está tendo que se confrontar com memórias que ela gostaria de esquecer, o que seria traduzido para as telas com o uso da animação.

E sim, no final ela acaba se despedindo da mãe mesmo, mas não a perdoando pelas coisas que ela fez. A porta da gaiola fica aberta, porque ela está se livrando desse peso, dessa casa que a oprime. E quando ela sai, o portão se fecha sem problemas, deixando trancado ali tudo o que ela não quer mais.

3 PERSONAGEM

Como a alteração dos personagens foi de extrema importância para decidir o rumo que a história iria tomar, eles foram desenvolvidos antes de serem inseridos na história, tendo como principal norte diferenciar eles ao máximo das pessoas em que foram baseados.

Coloquei em uma tabela tudo o que eu pensava sobre eles quando os imaginava no meu filme, mesmo que essas características não fossem de fato ser passadas para a

tela. Segundo Jean-Loup Dabadie (apud SALÉ, 1985 pág 113) “Será preciso dar a personagem, como fazem alguns, uma biografia imaginária, iceberg de que só uma parte emergirá no filme”, e foi assim que determinei as características principais dos meus personagens.

<p>ALICE</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Trabalha com direito - necessidade de controle ● Se veste de forma despojada mesmo sendo advogada - criativa por passar sua infância sozinha ● Meio séria, mas educada ● Não compartilha seus sentimentos ● Relação tóxica com a mãe ● Cresceu sem pai - morreu - idolatrava o pai ● Não quer ter filhos pela experiência que teve ● Gosta de gatos
<p>PEDRO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Família funcional ● Conhece a história da infância problemática de Alice ● Trabalha na área criativa ● Desatento ● Bem humorado e “outgoing” ● Personalidade de labrador ● Faz Alice rir

MÃE	<ul style="list-style-type: none"> ● Sente o peso de criar a filha única sozinha - sem rede de apoio familiar ● Culpa inconscientemente a filha pela sua situação ● Tem um papagaio que o marido deu pra ela - se apega demais a ele. ● Recebe seguro de vida do marido, então trabalha como dona de casa
PAPAGAIO	<ul style="list-style-type: none"> ● Tentava bicar ela, puxava o cabelo ● Sabia gritar o nome de Alice repetindo a mania da mãe de brigar com a garota
MANUEL	<ul style="list-style-type: none"> ● Pai de família presente ● Muito falante
PAI	<ul style="list-style-type: none"> ● Morreu quando Alice ainda era bem nova, tinha uns 7 anos ● Mimava muito a filha ● Comprou o papagaio para fazer companhia para a esposa enquanto ele trabalhava.

Esse perfil dos personagens me guiou em vários momentos, me ajudou a definir a própria história e me impediu de ser incongruente no meu roteiro. Por exemplo, definir

que a personalidade da mãe seria tóxica decidiu o rumo do filme, e definir a personalidade da Alice me permitiu construir o segredo do filme, já que ela era mais introspectiva.

Ao escrever a primeira versão do roteiro não dediquei tanta atenção, apenas deixei a escrita fluir. Revisitando ele, pude perceber algumas cenas que antes pareciam necessárias, mas na verdade não se encaixavam. Como a cena 17, que foi totalmente alterada porque não condizia com a Alice criada.

“ Alice senta no degrau da entrada perto de onde Fernanda está brincando.

- Seu nome é Fernanda?

Ela para onde está e sem graça responde:

- É sim.

- Você gostou do seu quarto lá em cima?

- Gostei! - ela fala abrindo um sorriso - Ele é bem grande.

- É né? Acho que você vai se divertir bastante lá?

Ela faz que sim com a cabeça.

- O que é isso na sua mão? - Fernanda pergunta apontando para a pena verde na mão de Alice.

- Ah isso? Não é nada não.

- Hmmm - Fernanda murmura e perde o interesse, voltando a desvendar o seu novo quintal.”

Alice, como descrita na tabela, é uma pessoa que não se interessa muito por crianças, e é quieta, séria. Nessa releitura do roteiro percebi que não seria do feitio dela,

depois de revisitar tantas memórias ruins, ir conversar despretensiosamente com a criança. Acredito que justamente o contrário, ela se afastaria de Fernanda o quanto pudesse, porque ela representa tudo o que ela não havia tido, uma infância “normal” como qualquer outra.

Vendo a tabela e lendo o roteiro talvez não fique claro para todos a necessidade de pontuar algumas características das personagens, mas para mim, foi a forma de saber quem eram essas pessoas fictícias e prever suas ações. Eu não podia apenas pensar “quero que o final seja assim, então preciso que essa pessoa faça isso”, eu precisava ter uma base forte para construir minha parte da história. As personagens foram parte fundamental para me guiar nesse caminho, e me ajudar a chegar em um resultado satisfatório.

3.1 MÃE

Apesar de estar sempre destacando a importância que a criação da personagem da mãe representou para o rumo do roteiro, eu não fiquei satisfeita com a presença dela na história.

Quando decidi que a mãe exerceria esse papel de “vilã”, eu consegui resolver muitas coisas no meu roteiro. Mas como ela tem pouco tempo de tela, achei que a personagem ficou rasa em diversos aspectos.

Primeiramente, não a enxergo como uma vilã, mas a Alice sim, então é a impressão final sobre ela, já que Alice é nossa única fonte sobre esses acontecimentos. Como a maioria das pessoas, a mãe não é 100% má, e a relação dela com o papagaio mostra um outro lado dela. Mas Alice, contaminada por ciúme e até inveja, vê isso de

uma forma amarga, e isso contamina a nossa percepção também. Eu acredito que existiram momentos bons entre mãe e filha também, mas os momentos dolorosos foram os que marcaram mais forte as memórias.

O outro problema que encontro é passar a impressão que a personagem foi concebida sob um olhar machista. Em todas as cenas a mãe está na cozinha fazendo algum afazer doméstico, e essas escolhas foram propositais e pensadas, não um inconsciente misógino. A relação da mãe com a cozinha e com os afazeres domésticos serve para estabelecer a ligação entre mãe e casa, e uma tensão entre filha e casa, porque a mãe aparece mais tempo cuidando da casa do que da própria Alice.

Então, para mim esses nuances da personalidade da mãe estão inseridos no texto, mas eu sinto que não fui bem sucedida em transmitir eles para a narrativa por apresentar a personagem apenas sob uma ótica.

4 FLASHBACKS

Apesar de muitos estudiosos encararem o flashback como um artifício antiquado e sem criatividade para resolver um roteiro, acredito que ele possa sim ser usado de forma estratégica e crucial para o desenvolvimento de uma história.

Como o roteiro de Pena tem como principal fator falar de lembranças fortes, eu me encontrei sem meios de fugir do uso dos flashbacks, e tentei utilizá-los da melhor forma possível como meio de controlar as informações e potencializar o meu plot.

Inspirei-me no filme *Arrival* (Denis Villeneuve, 2016, 116min) quando pensei em manipular a extensão das cenas do flashbacks para enganar o público, às completando

depois e revelando a verdade. Em *Arrival*, as cenas apresentadas como flashbacks entregam a história da filha da protagonista logo de cara. No entanto, apenas no final do filme ficamos sabendo que o que se tratava de flashback na verdade eram flashforwards, porque foram escondidos pedaços importantes daquelas cenas que comprometeram a interpretação do espectador.

Em *Pena*, os flashbacks são realmente flashbacks, mas também seguram pedaços cruciais das informações no intuito de enganar o espectador e fazê-lo acreditar que está vendo um filme completamente diferente. O corte estratégico das cenas foi usado para esconder não apenas a natureza tóxica da mãe, mas também a importância da própria personagem, já que ela não aparece inicialmente em todos os flashbacks. Sua presença nas cenas passa despercebida, quase como uma personagem de fundo, peça do cenário. Alice parece estar se lembrando mais dos momentos bons vividos na casa do que associando aqueles ambientes às experiências ruins que teve com a mãe.

O mesmo ocorre com o papagaio, que primeiramente aparece apenas em um flashback (cena 4), parecendo ser apenas um pet da família, sem tanta relevância. Quando temos acesso ao resto das cenas, percebemos que sua presença é constante para Alice, mesmo fora de quadro, sempre trazendo à tona o amargor que ela sente pelo pássaro ocupar um espaço na vida da mãe que ela não conseguiu.

Quando finalmente temos a revelação do final das cenas dos flashbacks, ainda assim há uma manipulação da percepção da mãe já que nunca de fato a conhecemos já que ela aparece sempre de costas. Aqui, inspirei-me na série animada *BoJack Horseman* (Bob-WaksBerg, 2014), especificamente no episódio 11 da 4ª temporada, em que se acompanha BoJack, protagonista da série, em uma viagem de carro com sua mãe idosa,

Beatrice. Durante essa viagem, temos acesso ao passado de Beatrice, mas não em sua totalidade, já que existem coisas que ela prefere não encarar.

Nessa cena, Beatrice confunde a realidade com seu passado, e podemos notar a outra personagem, Henrietta, com a cara rasurada. Henrietta era empregada de Beatrice e foi amante de seu marido, tendo um filho com ele. Como Beatrice não sabe lidar com o ocorrido, ela se nega a enxergar a empregada em todas as lembranças que são retratadas na série.



Figura 1: Frame de "BoJack Horseman" (2014)



Figura 2: Frame de "BoJack Horseman" (2014)

Outra coisa que quis adicionar às cenas e que também tem influência de Alice é a maneira que a presença da mãe no quadro vai se tornando mais sufocante à medida que a menina envelhece. Quando Alice ainda é criança ela não entende essa desafeição da mãe, mas quanto mais ela cresce e conhece outras realidades, ela vai compreendendo e sentindo o peso da relação tóxica que tem com a mãe.

Assim, Alice foge das suas lembranças e deixa elas se tornarem opressoras, necessitando mais tarde recriar os fatos que ela se esforçou tanto para esquecer.

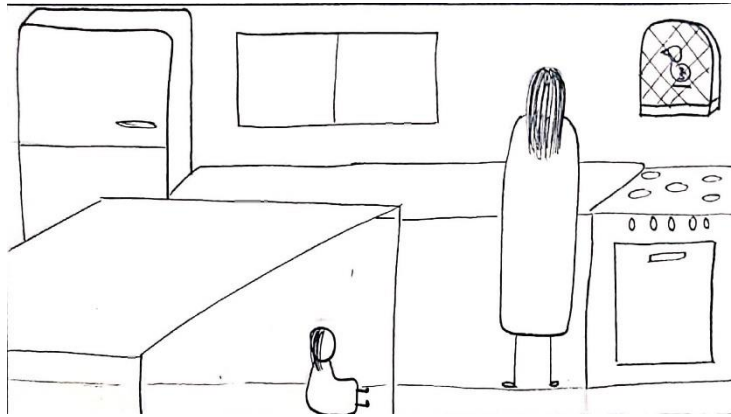


Figura 3: Desenho esquemático do flashback 1

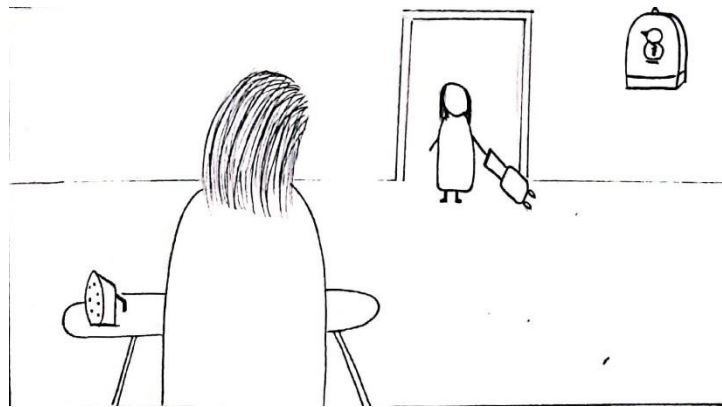


Figura 4: Desenho esquemático do flashback 2

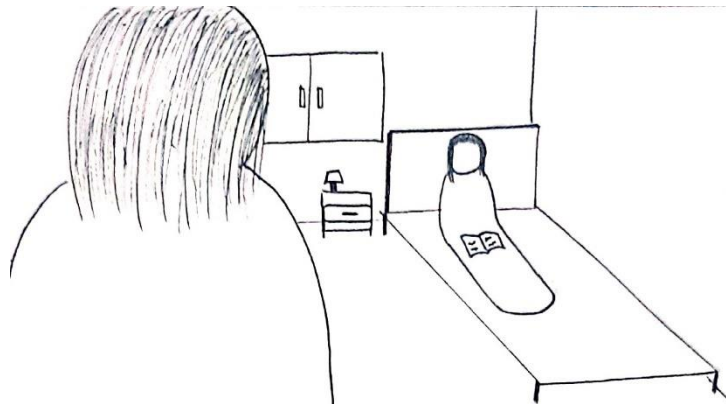


Figura 5: Desenho esquemático do flashback 3

5 ANIMAÇÃO

Apenas a utilização de flashbacks já seria suficiente para criar a atmosfera que desejava para o filme e seu mistério, mas a inserção de cenas em animação entra como um artifício para dar mais profundidade ao filme, principalmente para realçar o lado emocional de Alice.

Como Alice é traumatizada pelos acontecimentos vivenciados no passado, ela passa por um processo de negação dessas lembranças, e não se recorda tanto do que ocorreu na sua infância e adolescência. Ao envelhecer as lembranças ficam mais frescas, mas mesmo assim passam também pelo apagamento.

A animação então faz seu papel no filme como uma reconstrução de tudo que Alice não consegue se lembrar com tanta certeza. A escolha pelo recurso da animação nos flashback seu deu por remeter muito à infância, ao lado lúdico de uma criança tentando desvendar o mundo com as ferramentas que tem, os desenhos.

Por esse motivo, o primeiro flashback (cena 4 e cena 12) seria completo em animação. O segundo flashback seria 50% live action e 50% animação (cena 7 e cena 13), por exemplo, com o cenário em live action e a garota em animação. O terceiro flashback (cena 9 e cena 14) seria majoritariamente live action com apenas algumas intervenções em animações, como o livro que ela segura, um abajur ou um quadro na parede.

Como em alguns filmes são empregadas cenas em preto e branco ou sépia para demonstrar uma mudança temporal, as animações servem também como esse diferencial para o público se localizar no tempo, e poder conectar as cenas no final.

7 A HISTÓRIA DO OUTRO

No processo todo de escrever o roteiro eu vivi com o incômodo de ter nas mãos uma história que não era minha e pela qual não havia pedido autorização. Apesar de ter tirado as pessoas que conheço de dentro da história, ainda existem muitos pontos de encontro entre mundo real e fictício.

Teria sido mais fácil passar pelo processo de escrita se tivesse avisado minha madrastra antes de escrever o roteiro, mas tinha muito medo também de levar uma negativa - apesar de saber que ela provavelmente me apoiaria. Quando se tem uma ideia, é difícil desapegar dela. Então se ela me dissesse não, eu teria que engavetar um roteiro que gostava muito e em que via muito potencial.

Mesmo não tendo narrado diretamente a vida dela, o que utilizei não deixava de ser um momento íntimo que a pertencia, um direito que ela possuía a sua imagem, portanto, não era meu para usar livremente.

Posterguei esse momento o máximo que pude. No dia primeiro de setembro de 2021, poucos dias antes de apresentar meu trabalho, decidi enfrentar esse momento. Como o esperado, ela aprovou (verbalmente) o uso de sua história no meu roteiro, e a ansiedade ligada a toda essa trajetória feita em segredo, finalmente diminuiu.

CONCLUSÃO

O processo de escrita de um roteiro sempre é complexo, e escrever *Pena* não foi diferente. Como descrito neste memorial, além das dificuldades criativas que eu sabia que iria encontrar, também tive que lidar com o limite da intimidade de outras pessoas. Isso me freou em vários momentos e me trouxe várias inseguranças quanto ao caminho que estava seguindo nesse trabalho. O medo de ofender as memórias ou até mesmo a interpretação que poderiam fazer das minhas modificações me seguiu por todo o caminho.

No entanto foi justamente essa dificuldade e ansiedade que me obrigou a ser criativa e cuidadosa na escrita. Isso me proporcionou a oportunidade de explorar artifícios que não havia ainda experimentado nas minhas criações, como o flashback e a inserção de animações.

A experiência geral, apesar de conturbada, foi muito positiva. As alterações e decisões que precisei fazer fortaleceram minha história e me deixaram satisfeita com o resultado.

REFERÊNCIAS

PINHEIRO, Luciano Andrade. **O direito sobre sua própria história**: Quando a vida vira filme. [S. l.], 9 ago. 2016. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/pi-migalhas/243589/o-direito-sobre-sua-propria-historia--quando-a-vida-vira-filme>. Acesso em: 21 ago. 2021.

A CHEGADA. Direção: Denis Villeneuve, 2016. Disponível em: [netflix.com](https://www.netflix.com). Acesso em: 22 jul. 2021.

CHION, Michel. **O Roteiro de Cinema**. : Martins Fontes, 1989.

BOJACK Horseman - **A casa velha do Senhor Sugarman**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: [netflix.com](https://www.netflix.com). Acesso em: 26 jul. 2021.

BOJACK Horseman - **Viagem no Tempo**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: [netflix.com](https://www.netflix.com). Acesso em: 26 jul. 2021.

PARENT-ALTIER, Dominique. O que é um argumentista. *In*: PARENT-ALTIER, Dominique. **O Argumento Cinematográfico**. [S. l.: s. n.], 2004.

PARENT-ALTIER, Dominique. A personagem. *In*: PARENT-ALTIER, Dominique. **O Argumento Cinematográfico**. [S. l.: s. n.], 2004.

FIELD, Syd. Sobre Estrutura. *In*: FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. [S. l.: s. n.], 1984.

FIELD, Syd. A Cena. *In*: FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. [S. l.: s. n.], 1984.